

parte II

a escrita curativa

ou de como voar com asas quebradas

Copyright © Fábrica de cânones, 2021
A escrita curativa. Ou de como voar com asas quebradas. Parte II
© Geruza Zelnys, 2021

Editor

Eduardo Guimarães

Projeto gráfico e diagramação

Denise Patti Vitiello

Capa

Anna Brandão

Revisão

Guilherme Sakai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Z51

Zelnys, Geruza

A escrita curativa. Ou de como voar com asas quebradas.
Parte 2. Geruza Zelnys.-- São Paulo : Fábrica de cânones,
2021.

ISBN 978-65-996462-0-1

1. Literatura 2. Vida. 3. Escrita Criativa 4. Linguagem 5. Corpo
I. Zelnys, Geruza II. Título.

CDD 801

Fábrica de cânones
R. Professor Miguel Milano, 86, Vl. Mariana
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil
Tel: (11) 98338-2314
@fabricadecanones
fabricadecanones.com.br

parte II

a escrita geruza
curativa zelnys

ou de como voar com asas quebradas

 **Fábrica**
de cânones

1ª edição / São Paulo / 2021



para quem vem
quem veio
e está comigo
na ponta do tempo

Escrita Criativa. Escrita Curativa. Ferida. Palavra. A palavra “ferida”. Escritura. Arquivo. Corpo. Memória. A memória do corpo. O corpo da memória. Do/ente ao Escrevente. Para o que a mim (me) dói falta uma palavra. []. A emergência criativa da dor. *Poiesis. Autopoiesis*. Criação do eu que ao eu me falta. Enfim: De como voar com asas quebradas.

Parte I

1. tentativa de início (1)
2. tentativa de início (2)
3. origem
4. escrita curativa
5. trauma
6. trauma das palavras
7. oficinas de escrita (curativa)
8. espaço
9. experiência e afeto
10. método
11. mediação

Referências Bibliográficas

prologOferenda

Parte II

1. corpo corpus	142
2. corpo arquivo	160
3. corpo morada	167
4. corpo outro	176
5. corpo intruso	186
6. corpo desejo	197
7. corpo base	207
8. corpo deserto	217
9. corpo silêncio	228
10. voz & carne & corpo	233
Referências Bibliográficas	236
Dobras: a literatura e as linhas curativa	240





parte II





olá, passante!

trago notícias do caminho. não desse que se faz daqui para lá onde tudo é devir e infinito, mas desse outro que se faz de lá para cá e me trouxe até aqui. aqui é você. tempo-espaco do presente. foz e fonte de todo desejo.

tenho nos pés as pegadas do caminho. repare: há um pouco de poeira grudada às canelas. um caminho se faz caminhando mas às vezes a gente para que é para tomar fôlego ou olhar para o céu. as estrelas dão rumo à direção.

não sei de onde você vem, mas se vem, como eu, também vai. as direções são muitas mas, se escolher esse caminho do qual venho, cuide com 2 ou 3 buracos e algumas pedras que fazem tropeçar. mas não deixe de olhar os campos de girassol. não passe por eles sem desperdiçar ali um bom tanto de tempo. os girassóis são o que há de melhor no caminho. também um ramo de arruda que aconselho a quebrar um galhinho – peça licença aos caboclos – e botar no de trás da orelha: você vai precisar para afastar os maus olhos da arquibancada. mas nada que faça conta, apenas um ou outro que parou no tempo do meio – no acostamento.

no pé de jabuticaba coma o quanto pode. vai demorar a encontrar outras árvores de fruta. sempre haverá o de-beber: não se preocupe. os amigos trazem os odres cheios de água e vinho. pão também não faltará: o caminho é farto. àqueles que sentirem fome, reparta. logo à frente haverá quem lhe dê mais.

2 ou 3 paixões merecerão que se demore um pouco mais, depois siga. o futuro estará sempre à frente, muito embora o pra frente

dependa da posição do corpo no espaço. é possível girar. eu mesma vou e volto algumas vezes. encruzilhada sou. por isso sei um pouco sobre esse caminho.

não tenha medo: se encontrar abrigo debaixo de uma copa, poderá ver lindas tempestades sem se molhar. se se molhar, peça pouso nas casas de dormir. as gentes são boas.

haverá 2 capelinhas em pontos distintos da estrada: ali morreu gente: dobre os joelhos no chão e faz uma reza. é preciso ter fé. o caminho é bom, mas só se sabe disso no olhar para dentro.

não economize sementes. plante alguma coisa, mesmo que pouca. não se deve desperdiçar o adubo de tantos passos.

esse caminho é o sabido. dele dou ciência que merece seus passos até porque guarda um encontro. esse que é o nosso, multiplicado. se segue por ele, toma aqui essa sorte que trouxe comigo. se segue por outro, digo que nada sei, mas que acredito.

agora, se segue pelo mesmo caminho que eu, confesso que sigo cega. mas que me excita a aventura de fazê-lo consigo. eu lhe cedo meu braço e ombro, caso preciso chorar. sigamos. ciganos. todos somos.

já contei que era a minha avó cigana? há muito o que contar. conta-me também. e há tempo ainda para...



Encontro 1 – corpo *corpus*

[Olho para esses corpos que se juntam ao meu redor. Eles me olham com seus olhos. Invadem-me e são invadidos por mim. Isso é encontro. Colisão. Invasão. Mas o que esperam para além desse corpo-a-corpo, para além disso que já está

acontecendo?]

O que é um corpo? Eu me pergunto, mas é também uma provocação para aqueles que estão buscando a escrita como materialização de pensamentos, ideias, vivências, memórias e experiências. Porque é tanto desse “isso” que nos transborda, que não raro nos esquecemos de que o que transborda somos nós. Escapamo-nos de

nós mesmas.

Então buscamos o que nos falta sem nos darmos conta de que o que falta também somos nós. Porque a primeira coisa da qual nos desligamos num trauma é o corpo. Se o trauma é no corpo, ligamo-nos àquilo que ele mesmo já não é. O corpo descorporifica-se. Então é preciso retomar o corpo. Mas o corpo é

o que está dentro, ou
o que está (lá) fora?

“15. O corpo é como um envelope: serve, então, para conter aquilo que depois deve ser desenvolvido. O desenvolvimento é interminável. O corpo finito contém o infinito, que não é nem alma nem espírito, e sim o desenvolvimento do corpo” (NANCY, 2012, p. 45).

Será?

É preciso encontrar o corpo, mas essas pessoas, com seus corpos, ainda não sabem disso. Elas buscam um espaço para escrever. [O espaço é um corpo?]

As pessoas que procuram a Escrita Curativa carregam seus próprios desejos, mas o que as une é a busca pela autoria. Ainda não sabem, mas buscam um [seu próprio?] corpo de autor. Um corpo organizador de um conjunto de textos que possam conter a autoridade sobre si.

Autoridade: a voz que delinea os contornos e (des)limites de um corpo.

Mesmo quando não desejam ser escritores, buscam escrever literariamente, ou seja, escrever para o outro desde o lugar de autoria. Já não se trata de confissão, de palavras destinadas ao escuro de uma gaveta, ao si-mesmo bifurcado numa ilusão de alteridade. Essas palavras agora destinam-se. E precisam ser elaboradas. Precisam compor um [o? os?] corpo. E, como tal, precisam expressar a singularidade desse corpo. A estética singularíssima de um corpo estendido sobre o papel.

Toda escritura é a expressão do corpo naquele momento em que se escreveu. *Corpus*.

“36. *Corpus*: um corpo é uma coleção de peças, de pedaços, de membros, de zonas, de estados, de funções. Cabeças, mãos e cartilagens, queimaduras, suavidades, emissões, sono, digestão, horripilação, excitação, respirar, digerir, reproduzir-se, recuperar-se, saliva, coriza, torções, cãibras e *grains de beauté*.”

É uma coleção de coleções, *corpus corporum*, cuja unidade resta uma questão para si própria. Mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar” (NANCY, 2012, p. 51).

Todo *corpus* textual espelha um corpo em sua fisicalidade.

Foi assim que tudo começou. Um dia [ou uma noite?] percebi que tudo que escrevia era a materialização do meu corpo naquele momento da escrita. Há muito, não o via, pensava que havia sido consumido pelo fogo, implodido no de-dentro de mim. Então a surpresa de ver – ler – seus contornos: aqueles escuros em contraste com a página branca. Palavras, frases, parágrafos, textos, sentidos, conexões, imagens, vazios. Era o meu corpo que, rebelde, se desgrudava de mim e se lançava, abismado, sobre o papel, como a pedir-me [obrigar-me?] que então o olhasse, que eu, enfim, o encarasse. Olhei-o. Era um corpo

disforme.

[Gostaria de dizer tudo isso em terceira pessoa e dar ao texto um caráter mais genérico, mas o encontro comigo mesma foi avassalador. A forma de dizê-lo é essa. Impossível a neutralidade, pretensão que a morte desmascara. Todo corpo é um e ele morre.]

Primeiro, apenas uma coleção de pedaços como um quebra-cabeças em que algumas peças se juntaram e, outras tantas, espalhadas. A princípio, isso me parecia algo da ordem do acaso, mas depois, bem depois, fui me dando conta de que não: havia uma força impulsionadora, uma consciência do meu corpo que obrigava minha mente a ver aquilo para o que há tempos estava

cega. E, à medida que reelaborava, reescrevia e rejuntava essas peças, aquele corpo ia adquirindo maior nitidez, densidade e forma. Aquele corpo era o meu corpo. Quer dizer, mais ou menos meu.

“34. Na verdade, ‘meu corpo’ indica uma possessão, não uma propriedade. Quer dizer, uma apropriação sem legitimação. Posso meu corpo, trato dele como eu quiser, tenho sobre ele o *jus uti et abutendi*. Mas ele, por sua vez, me possui: me puxa ou me interrompe, me ofende, me detém, me impele, me repele. Somos um par de possuídos, um casal de dançarinos demoníacos” (NANCY, 2012, p. 51).

Foi assim que tudo começou. Como tudo isso aconteceu comigo, é fácil dizê-lo, mas como dizer às pessoas que estão aqui que, logo mais, elas se desnudarão umas para as outras, que estarão mostrando seus corpos se ainda nem mesmo elas são capazes de vê-los. Embora seja essa uma cegueira branca: porque elas também não sabem que não o veem.

No diário em que fala sobre sua cegueira lateral, Sacks (2010, p. 175-176) descreve: “Continuo num mundo de subitaneidade e descontinuidade, de aparições e desaparecimentos inopinados. Só consigo lidar com isso virando a cabeça constantemente, para monitorar o que está acontecendo na área cega. (Na verdade preciso torcer todo o tronco para compensar os cerca de sessenta graus que não enxergo). Mas isso além de ser cansativo, parece absurdo, pois no que diz respeito à minha percepção, tenho um campo visual completo – subjetivamente não sinto falta de nada, por isso não há nada a ser procurado. Possivelmente também parece esquisito para as outras pessoas, que estranham minhas contorções e viradas para olhar para elas”.

A cegueira de Sacks, compensada subjetivamente, é similar ao ponto cego constituinte da fisiologia dos olhos. Segundo o neurologista, todos temos esse ponto cego, e essa ausência de visão (uma faixa no olhar) é compensada pela repetição do padrão, de modo que não sentimos falta daquilo que não vemos porque pensamos ver. É uma visão da ordem da razão e não do corpo físico. Mas também uma ficção do corpo criada para suprir uma falta da qual nem temos consciência ou, se temos, trata-se de uma consciência-corpo.

Quando falo sobre estar sob o efeito de uma cegueira branca, ou de extrema luminescência, estou criando uma metáfora para um estado de desorientação que não permite ver as coisas como eram vistas, ou seja, cuja conformação lógica é responsável pelo conhecimento da realidade.

É por isso que há no discurso traumático algumas características desse novo estado: a memória se expande, a realidade e a ficção são mescladas, o modo de perceber as coisas é alterado por suposições, sentidos como olfato, tato e escuta se potencializam, lembrança e esquecimento convivem, enfim, estamos diante de escritores que escrevem cegos, ou parcialmente cegos. Precisam construir uma ficção de si a partir do espelho sem imagem no qual se olham.

Então, como penetrar nesse corpo machucado? Mais ainda, como penetrar sem violentá-lo ainda mais? Talvez, aos poucos. Porque aqui os limites também se borram: entre o corpo físico e o corpo textual, há uma distância a ser percorrida ludicamente graças à literatura, ou ainda, aos procedimentos criativo-literários que passam a ser vasculhados, ao invés das memórias ditas reais. Ou pretensamente reais.

Nesse *corpus*, mais de um corpo se apresenta – meu e tantos outros ao mesmo tempo porque não é necessário ser fiel à realidade –, de modo que podemos escolher qual será deitado sobre a lâmina do microscópio. Quantos corpos você possui? Quais corpos te possuem?

“Temos vários. Tenho um corpo digestivo, tenho um corpo nauseante, um terceiro cefalágico, e assim por diante: sensual, muscular (a mão do escritor), humoral, e sobretudo: emotivo: que fica emocionado, agitado, entregue ou exaltado, ou atemorizado, sem que nada transpareça. Por outro lado, sou cativado até o fascínio pelo corpo socializado, o corpo mitológico, o corpo artificial (o dos travestis japoneses) e o corpo prostituído (o do ator). E além desses corpos públicos (literários, escritos), tenho, por assim dizer, dois corpos locais: um corpo parisiense (alerta, cansado) e um corpo camponês (descansado, pesado)” (BARTHES, 2003, p. 74).

Qual é o meu corpo? Quantas/quais possibilidades há para esse corpo que vasculho?

É preciso fazer com que as pessoas reconheçam, primeiramente, com qual corpo querem trabalhar, com qual corpo têm mais intimidade, em qual corpo se sentem mais à vontade para se exporem à penetração. Porque iremos todos adentrá-lo, mas é a pessoa quem irá abrir seus poros à nossa entrada.

Sempre será um pouco violento, isso é inescapável. Todo corpo é transbordante. Hemorrágico. Eu o abro e ele sangra. O sangue é vermelho como são os sentidos. Sente-se. A leitura é isso: rasgar o corpo dos sentidos e preencher esse corpo com outros significados.

A ideia de leitura como hemorragia é do Barthes (2004) e eu a violento com a minha própria interpretação. Para mim, o escrevente da escrita está contido na palavra, naquilo que diz/escreve, nas seleções que faz; são os nomes e as estruturas que lhe enformam. Uma forma sempre no limite, é verdade, porque a todo o momento afetada pela fricção com outros corpos. Porém, a depender dos afetos, esses limites se cristalizam, ou se rompem e vazam. As aspas foram feitas para tentar conter a hemorragia dos signos. Ataduras. Detectar isso é poder controlar a hemorragia. Posso estancá-la ou forçá-la ainda mais. Sempre dói. Mas aqui

é tudo ficção.

Os limites impostos também podem ser recriados por mim. Porque sou o que sou; e o que não sou, também e de algum modo, me constitui. Eu sou texto. [Eu já me definia assim, em 2013, quando nem imaginava que um dia elaboraria essas ideias sobre a Escrita Curativa]. A materialidade dos signos corresponde à da pele. O mais próximo do sentido que posso chegar também é o mais distante. Ou o que me lembra de uma distância radical entre mim e o outro, mesmo quando o outro é o meu próprio texto. A escritura fala de mim, mas também do outro e de uma alteridade radical, seja com o leitor externo, ou o leitor eu de mim mesmo. Respeito é a palavra que procuro entre as tantas deste parágrafo.

“A escrita tem seu lugar no limite; e se lhe acontece portanto qualquer coisa, é simplesmente o tocar. Tocar o corpo (ou antes, tal e tal corpo) com o incorpóreo do sentido e, assim, tornando o incorpóreo tocante e fazendo do sentido um toque. [...] Mas não se trata de modo nenhum de violentar os limites,

de evocar traçados desconhecidos que viriam inscrever-se nos corpos, ou improváveis corpos que viriam a entrançar-se nas letras. A escrita toca nos corpos segundo o limite absoluto que separa o sentido (da escrita) da pele e dos nervos (do corpo). Nada passa, e é precisamente aí que se toca” (NANCY, 2000, p. 11-12).

A pele é o limite máximo do corpo do outro. Paradoxo: é onde fico mais próxima e mais distante do de-dentro: coração, estômago, veias, sentido, lembrança, experiência. A pele é a linha fina e tênue que recobre todo o corpo. A pele é todo o corpo da ideia. Na escrita, precisamos tocá-la.

Mas só sentimos nossa pele quando em contato com o espaço.

Pele de papel.

Então é preciso ocupar, ocupar-se:

	ocupar	
o espaço		os espaços
	ocupar-se	
	de si e	
	consigo	

Pausa para ocupação:

[Escrever o nome numa folha em branco. Indicação direta e simples: escrever seu nome na folha em branco. Não responder